

SISTEMATIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO ENSINO: UMA PROPOSTA FUNDAMENTADA À LUZ DO PROCESSO DE ENFERMAGEM

SYSTEMATIZATION EDUCATION ASSESSMENT: A PROPOSAL BASED IN THE LIGHT OF THE PROCESS OF NURSING

Gleidson Monteiro dos Santos,¹ Gésica Kelly da Silva Oliveira,¹ Gidelson Gabriel Gomes,² Kátia Silva Cunha,¹
Kátia Calligaris Rodrigues¹

¹ Universidade Federal de Pernambuco – Ufpe/Caruaru, PE/Brasil. ² Universidade Federal de Alagoas – Ufal/Maceió, AL/Brasil.

Autor correspondente: Gleidson Monteiro dos Santos e-mail: gleidsonmonteiro1@gmail.com

RESUMO

Considerando a perspectiva de ensinar/aprender/avaliar como processo relacional com o mundo, faz necessário que os docentes pensem em novas e diversas estratégias para ensinar e analisar. Nesta vertente, este estudo objetiva propor um modelo de avaliação do ensino de forma sistematizada, com base no Processo de Enfermagem (PE). Para fomentar este estudo, foi realizada uma revisão da literatura. A Sistematização da Avaliação do Ensino (SAE) sugerida vem se estabelecer como um método que visa a substanciar o olhar docente pela ótica da integralidade em que cada aluno se insere na conjuntura educativa. Contempla cinco etapas inter-relacionadas: Histórico do aluno, avaliação diagnóstica, planejamento das estratégias de ensino, implementação das estratégias de ensino e avaliação da aprendizagem. A autorregulação ainda se constitui um desafio à prática docente, pois se refere a um processo de avaliação das situações de aprendizagem utilizado para direcionar a construção dos saberes. A SAE, proposta neste estudo, contempla uma avaliação que direciona um ensino significativo ao aluno contribuindo para um processo relacional de ensino e aprendizagem emancipatória.

Palavras-chave: Avaliação. Avaliação da aprendizagem. Processo de enfermagem. Práticas docentes.

Submetido em: 23/5/2017

Aceito em: 1/8/2017

ABSTRACT

Considering the perspective of teaching /learning /evaluating as a relational process with the world, it is necessary for teachers to think about new and diverse strategies to teach and analyze. In this aspect, this study aims to propose a model of evaluation of teaching in a systematized form, based on the Nursing Process (PE). To promote this study, a review of the literature was carried out. The suggested Systematization of Teaching Assessment (SAE) has been established as a method that seeks to substantiate the teaching view from the point of view of integrality in which each student is inserted in the educational context. It includes five interrelated stages: Student history, diagnostic evaluation, planning of teaching strategies, implementation of teaching strategies and assessment of learning. Self-regulation is still a challenge to teaching practice, since it refers to a process of evaluation of learning situations used to direct the construction of knowledge. The SAE, proposed in this study, contemplates an evaluation that directs a significant teaching to the student contributing to a relational process of teaching and emancipatory learning.

Keywords: Evaluation. Assessment of learning. Nursing process. Teaching practices.

INTRODUÇÃO

A avaliação sobre o desempenho dos alunos e alunas ainda se constitui como um processo complexo, entretanto inerente da prática docente, caracterizando-se enquanto um movimento de reflexões, interações e controle que possibilita ao docente identificar se os objetivos educacionais propostos foram alcançados, bem como analisar as ações realizadas e refletir sobre os métodos pedagógicos utilizados, na perspectiva de (re)construir práticas que consintam em um conhecimento expressivamente significativo (ESTEBAN, 2000; SILVA et al., 2016).

Compreendemos que a mesma não pode ser vivenciada mediante eventos pontuais, que limitam a aprendizagem a um espaço temporal isolado, posto que a avaliação é algo amplo, articulado e deve, portanto, acompanhar o desenvolvimento da relação entre ensino e aprendizagem, observando os progressos e as dificuldades dos discentes, bem como considerando e reconsiderando as estratégias docentes que direcionam esse caminho de relação com o saber (RAPHAEL; CARRARA, 2002).

De acordo com Charlot (2000), a aprendizagem é um processo relacional, construído mediante as particularidades individuais e a socialização, onde os sujeitos aprendem a compartilhar com a coletividade, a apropriar-se do mundo e a situarem-se como sujeitos ativos no mundo. Assim sendo, a avaliação não pode se dar fora do contexto vivenciado pelos alunos, uma vez que acompanha e influencia a aprendizagem sob a ótica transformadora.

Para Raphael e Carrara (2002, p. 4-5), “pouco se ensina ao professor a avaliar conforme o contexto, o avaliar que respeite a individualidade do aluno”. Dessa forma, o resultado recai, quase sempre, em uma avaliação classificatória, excludente, com unificação de instrumentos e resultados previsíveis, insuficiente para a dinâmica do ensino-aprendizagem.

Neste sentido, é preciso que o professor assuma o seu papel ativo na mediação da aprendizagem e investigue constantemente suas práticas pedagógicas, refletindo sobre os sujeitos de sua sala de aula, uma vez que estes possuem histórias diferentes, expectativas diferentes, dificuldades e formas de aprender diferentes. De acordo com Freire (1996, p. 5), “avaliar, então é também buscar informações sobre o aluno (sua vida, sua comunidade, sua família, seus sonhos...), é conhecer o sujeito e seu jeito de aprender”, ou seja, é respeitar a individualidade do aluno.

Assim, atendendo às especificidades de cada sujeito e à perspectiva de ensinar/aprender/avaliar como processo relacional com o mundo, faz-se necessário que os docentes pensem em novas e diversas estratégias para ensinar e avaliar, selecionando conteúdos potencialmente significantes (ponderando o que se ensina e para que se ensina, instigando a significação dos saberes), regulando as situações de aprendizagem e utilizando instrumentos de avaliação variados, permitindo o reconhecimento da singularidade do aluno (RAPHAEL; CARRARA, 2002; SILVA, 2016).

A avaliação é um desafio à prática docente e envolve fatores que não se limitam ao desenvolvimento cognitivo do aluno, como aspectos afetivos, comportamentais, colaborativos e atitudinais e deve, portanto, ter intenções claras, evidentes e contemplar aspectos importantes, tais como observação do grau de mudanças quanto à capacidade de argumentação e explicação do aluno, diagnóstico das dificuldades de aprendizagem, elaboração e criação de novas estratégias docentes e, por fim, análise das práticas pedagógicas efetivadas e a sua influência na aprendizagem discente (SANTOS et al., 2010).

Considerando a pluralidade dos elementos que compõem a avaliação, bem como suas etapas, uma vez que esta é processual, este estudo objetiva propor um modelo de avaliação do ensino de forma sistematizada com base no Processo de Enfermagem – doravante PE –, tendo em vista que as proposições que subsidiam o PE contribuem para a organização da assistência desses profissionais em um cenário não menos desafiador que as salas de aula.

É importante frisar que o PE favorece a organização do trabalho da equipe ante a grande demanda gerencial e assistencial diária nas unidades de saúde, tornando possível a operacionalização do cuidado proposto, posto que, se constitui como o instrumento metodológico que orienta a Sistematização da Assistência de Enfermagem – doravante SAE –, nos diversos cenários, facilitando, ainda, o registro da prática profissional para posteriores reflexões. Ressalta-se que o PE se constitui em uma estratégia ou em um instrumento de trabalho do enfermeiro, desenvolvido de forma permanente, para que a assistência de enfermagem esteja, sobretudo, alicerçada nos princípios da cientificidade (TRINDADE et al., 2015).

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão narrativa da literatura que se propõe a apresentar uma proposta inédita de sistematização da avaliação do ensino e da aprendizagem, inspirado no processo de enfermagem.

A revisão narrativa tem o objetivo de sintetizar ideias sobre determinado tema, não fazendo restrição para a busca dos trabalhos selecionados, podendo ser: artigos, dissertações, teses, livros, revistas, entre outros (HOLANDA et al., 2013).

Para fomentar este estudo, foi realizada a leitura exaustiva dos artigos e livros selecionados que tratam do processo de enfermagem e da avaliação formativa reguladora. Nesta pesquisa foram incluídos artigos publicados entre os anos de 2010 e 2017 encontrados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, com as seguintes palavras-chaves: avaliação, avaliação da aprendizagem, processo de enfermagem e práticas docentes. Também foram utilizados alguns livros de autores na área da avaliação, totalizando 19 produções científicas analisadas.

Após exploração do material, a análise foi apresentada em três eixos temáticos, no intuito de interligar as ideias para permitir uma maior clareza sobre a proposta de avaliação apresentada, bem como responder ao objetivo desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Processo de Enfermagem

Ao longo da História, a Enfermagem vem construindo um escopo de conhecimentos próprios com ênfase nas necessidades de organizar uma assistência com qualidade e eficácia. Enquanto ciência, se fundamenta principalmente no processo de cuidar. Desta forma, e sob a influência do método de solução de problemas, na década de 50 surge na literatura o Processo de Enfermagem (PE) que, dentre outras coisas, se propõe a coletar sistematicamente os dados, com rigor metodológico, para posterior análise e intervenção assistencial (SANTOS et al., 2012).

Desde aquela época até os dias atuais, o Processo de Enfermagem tem sido foco de debate da categoria. Atribui-se ao mesmo a capacidade de oferecer informações para o desenvolvimento de metodologias interdisciplinares e humanizadas do cuidado, com ênfase na pessoa, família ou comunidade. Este processo é subsidiado por ações de planejamento, estabelecimento e avaliação dos resultados planejados (SILVA et al., 2012).

A proposta apresentada no PE pode ser aplicada em várias situações da assistência em saúde, em que as observações sobre as necessidades de cuidado dos pacientes exijam do profissional um posicionamento acerca do cuidado a ser prestado, bem como exige do enfermeiro a avaliação dos resultados após a intervenção, posto que o PE também se propõe a organizar o gerenciamento da assistência de enfermagem e contribui para as tomadas de decisão conscientes diante da demanda assistencial diária, o que, *a priori*, garante respaldo à equipe e assegura a desenvoltura de um trabalho com qualidade para o paciente nos diferentes âmbitos do cuidado (TRINDADE et al., 2015).

Assim sendo, o PE é considerado um método decisório que orienta o raciocínio do enfermeiro no planejamento da assistência de enfermagem, sustentado numa perspectiva de articulação entre a teoria e a prática, direcionando a uma assistência voltada para as necessidades individuais, com foco na resolução de problemas, de forma documentada, com vistas a estabelecer uma consulta que, além do cuidado, também possa garantir a segurança ao cliente, facilitando a continuidade da assistência qualificada e fortalecendo o vínculo enfermeiro-usuário (MEDEIROS; SANTOS; CABRAL, 2013).

O Processo de Enfermagem é imbuído de respaldo legal pela Resolução nº 358/09 do Conselho Federal de Enfermagem, constituindo-se em cinco etapas inter-relacionadas: Coleta de Dados de Enfermagem ou Histórico de Enfermagem, Diagnóstico de Enfermagem, Planejamento de Enfermagem, Implementação e Avaliação de Enfermagem. A aplicação de cada uma das cinco etapas, visa a organizar e a priorizar o cuidado, fundamentado no princípio holístico, na singularidade dos sujeitos e com foco nos resultados que se pretende alcançar (MEDEIROS; SANTOS; CABRAL, 2013).

Para Heidegger (2001), o cuidado é o caráter existencial mais próximo do ser humano; diz respeito a zelo, atenção, desvelo, solicitude, constituindo-se num elemento que possibilita a pessoa a sair de si para se centrar na preocupação com o outro. O cuidado nessa perspectiva é indispensável ao ser humano. É, de fato, o que dá sentido ao fazer da Enfermagem (VALE; PAGLIUCA, 2011).

Logo, o cuidado, como função precípua da enfermagem, envolve, no cotidiano de prática, diversos autores: os que cuidam do ensinar, do aprender, do fazer, do ser e do conviver na enfermagem, considerando uma prática essencialmente relacional com vistas às necessidades do outro (VALE; PAGLIUCA, 2011).

No contexto da educação, o professor também pode ser considerado um cuidador, uma vez que deve acolher, escutar, se comprometer com o ensino, disponibilizar atenção e regular as situações de aprendizagem, dentre outros atributos inerentes à profissão docente (MORAN, 2015).

Partindo dessa reflexão, Demo (2004) afirma que é função inerente do professor cuidar do discente com tenacidade, atenção e persistência. O autor é imperativo ao afirmar que o termo “cuidar” é complexo e contém a perspectiva humana da ação emancipatória. Assim sendo, as prerrogativas para atuação docente aproximam-se das premissas da Enfermagem enquanto profissão e do Processo de Enfermagem enquanto metodologia do cuidar.

Sistematização da Avaliação do Ensino (SAE)

A escola vem apresentando-se como um campo muito importante para o encontro entre a saúde e a educação, possibilitando um diálogo com amplas possibilidades de crescimento mútuo que oportuniza iniciativas palpáveis para designar ações que objetivam alcançar as condições adequadas do processo educacional entre as áreas (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2014).

De certo, os educadores comungam da ideia de que a escola (e em especial a sala de aula) se torne o ambiente que favoreça um processo relacional capaz de oportunizar a todos uma construção autônoma e consciente do seu próprio desenvolvimento pessoal e cognitivo nos diferentes contextos, devendo acompanhar e rever suas responsabilidades sociais de modo a contemplar a relação entre o educando e o próprio ensino mediado pelo docente (RAPHAEL; CARRARA, 2002).

Diante de tamanha responsabilidade, é extremamente importante compreender que os professores são os agentes que lideram esta ação, dando sentido à filosofia escolar concebida, construída e firmada nos projetos político-pedagógicos, e atuam como protagonistas do ensino, aplicando e (re)significando as normativas institucionais numa íntima relação cotidiana com os discentes. Tal relação deve ser conduzida com compromisso e respeito às individualidades, pois condiciona, muitas vezes, o que os alunos precisam fazer, falar e, por que não dizer, pensar (TARDIF, 2014).

No que concerne à avaliação, deve-se considerar que o ensino, pautado em princípios construtivistas, impõe ao docente a necessidade de pensar em novas formas de avaliar seus alunos e de autoavaliar-se, transformando todo o processo avaliativo numa relação interativa, mediadora e dialógica, onde os erros devam representar algo significativo e não excludente. Neste contexto, as reflexões realizadas possibilitam uma constante revisão das ações docentes e o amadurecimento profissional em prol da promoção da relação firmada entre o ensino e a aprendizagem (RAPHAEL; CARRARA, 2002).

Pelo exposto, e a partir do levantamento bibliográfico realizado para este estudo, observou-se que os instrumentos habitualmente utilizados nos processos avaliativos, os quais deveriam possibilitar a análise da forma como os sujeitos organizam suas ideias ao resolverem os problemas apresentados, não atingem os objetivos esperados (RAPHAEL; CARRARA, 2002). Ainda, nesta perspectiva, os autores afirmam que os métodos avaliativos tradicionalmente utilizados são, muitas vezes, segregadores ou punitivos, sendo incapazes de permitir uma evolução do aluno avaliado, ou, ainda, das práticas pedagógicas.

Discutindo sobre a função dos instrumentos utilizados na avaliação, Perrenoud (1990, p. 18) afirma que:

[...] Não existem medidas automáticas, avaliações sem avaliador nem avaliado; nem se pode reduzir um ao estado de instrumento e o outro ao de objeto. Trata-se de atores que desenvolvem determinadas estratégias, para as quais a avaliação encerra uma aposta, sua carreira escolar, sua formação. [...] Professor e aluno se envolvem num jogo complexo cujas regras não estão definidas em sua totalidade, que se estende ao longo de um curso escolar e no qual a avaliação restringe-se a um momento.

Sabemos que, apesar de todo estudo e pesquisa investido sobre a importância da relação professor/aluno, na construção de práticas formativas, continuamente muitos profissionais, quando chegam a exercer a docência, acabam repetindo as mesmas práticas e posturas que não permitem o desenvolvimento de práticas pedagógicas emancipadoras. Vale ressaltar que não há a pretensão de desvalorizar os instrumentos avaliativos tradicionais, pois todos são relevantes e ocupam lugares acentuados nos planos pedagógicos. A aplicabilidade vislumbrada pelos docentes, no entanto, não tem proporcionado uma forma útil e precisa de entender, por meio do instrumento, as concepções dos discentes e os saberes já desenvolvidos ou em construção, isso porque a utilização dos instrumentos se dá de forma isolada e deslocada da ótica transformadora (RAPHAEL; CARRARA, 2002).

Dessa forma, os instrumentos comumente utilizados de modo desassociado da possibilidade de resignificar a prática docente, não conseguem dar as informações sobre as aprendizagens; apenas acusam erros dos alunos, os quais, muitas vezes, não são utilizados para que os alunos e docentes reflitam sobre eles com o objetivo de superá-los.

Neste contexto, pensou-se em uma proposta inovadora de acompanhamento do desempenho docente, intitulada Sistematização da Avaliação do Ensino (SAE), que emerge objetivando facilitar a gestão do ensino do docente bem como o percurso didático estabelecido e o exercício de autorregulação aplicável em qualquer área do ensino.

A SAE foi aqui estruturada a partir das referências apresentadas na Sistematização da Assistência de Enfermagem que, por meio de sua resolução específica (instituída pelo Conselho Federal de Enfermagem – Cofen), direciona um plano de cuidados diário, integral e individual, a todos os indivíduos por estes profissionais atendidos (BRASIL, 2009).

A Figura 1 apresenta as etapas do Processo de Enfermagem e a equivalência desse processo na Sistematização da avaliação do Ensino do contexto educativo.

Figura 1 – Etapas do processo de Enfermagem e da Sistematização da Avaliação do Ensino

PROCESSO DE ENFERMAGEM	SISTEMATIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO ENSINO – SAE
Histórico do Paciente	Histórico do Aluno
Diagnóstico de Enfermagem	Avaliação Diagnóstica
Planejamento dos Cuidados	Planejamento das Estratégias de Ensino
Implementação da Assistência de Enfermagem	Implementação das Estratégias de Ensino
Avaliação de Enfermagem	Avaliação das Estratégias e da Aprendizagem

Fonte: Os autores, 2017.

Pela similaridade das ações rotineiras dos enfermeiros, certamente essa será uma prática que favorecerá o ensino em enfermagem, no entanto a Sistematização da Avaliação do Ensino, utilizada com o intuito de favorecer o processo educativo, é aplicável em qualquer área, e será capaz de direcionar estratégias palpáveis e

específicas de modelos metodológicos que visem a garantir de forma eficaz o melhor aproveitamento dos conteúdos abordados, permitindo, ainda, o acompanhamento da qualidade do ensino e o rendimento escolar.

Etapas do Processo da Sistematização da Avaliação do Ensino

Guiada pelo processo de Enfermagem, a SAE no âmbito educacional vem se estabelecer como um método que visa a substanciar o olhar docente pela ótica da integralidade considerando cada aluno na conjuntura educativa, devendo ser construída de modo a favorecer a análise do desenvolvimento comportamental e cognitivo do aluno pela observação docente. Esta proposta encontra-se sumariada de forma sequencial na Figura 2:

Figura 2 – Etapas da Sistematização da Avaliação do Ensino – SAE

SISTEMATIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO DO ENSINO – SAE
Histórico do aluno
Avaliação diagnóstica
Planejamento das estratégias de ensino
Implementação das estratégias de ensino
Avaliação das estratégias e da aprendizagem

Fonte: Os autores, 2017.

A Figura 2 apresenta as etapas propostas para o processo sistematizado da avaliação do ensino. Divide-se em cinco fases sequenciais e preestabelecidas, tendo o professor como protagonista de sua execução, o que possibilita ao docente subsidiar suas práticas por meio do desenvolvimento de estratégias interdisciplinares, humanizadas e direcionadas a cada etapa, demonstrando por meio de suas ações, todo o cuidado envolvido no planejamento didático realizado individualmente ou em equipe.

No que concerne à primeira etapa da SAE denominada *Histórico do aluno*, trazemos as contribuições de Raphael e Carrara (2002), que elucidam que é preciso considerar a individualidade do discente e o contexto em que este se relaciona, ou seja, a singularidade da história do educando, suas formas de aprender, suas dificuldades e os múltiplos fatores que influenciam a construção dos saberes.

Esta etapa, portanto, se caracteriza pela coleta deliberada de dados para determinar os elementos que influenciam na aprendizagem do aluno. Os dados são obtidos por meio de entrevista (alunos, pais e/ou responsáveis), observação, colaboração dos colegas e relatos diagnósticos. Para executar uma investigação apropriada, o docente deve possuir capacidade comunicativa, observar metodicamente (habilidade para reconhecer limitações e elementos que ampliam o aprendizado discente), interpretar e verificar a precisão dos dados que norteiam o cotidiano particular do aluno, evitando deduções incoerentes (CARPENITO-MOYET, 2009).

A segunda etapa da SAE, que chamamos de *Avaliação diagnóstica*, deve incidir no âmbito educacional sob um processo que busque apreciar ou estimar as características do grupo e/ou indivíduo, em uma análise precisa para que, a partir dessas informações, seja possível construir um planejamento considerando as informações prévias sobre os saberes consolidados e as dificuldades reais de aprendizagem.

Na avaliação diagnóstica os docentes deverão efetivar sua análise considerando os dados do histórico do aluno (problemas reais e problemas potenciais), no intuito de auxiliar o discente a alcançar uma condição de aprendizagem desejável (CARPENITO-MOYET, 2009). Analisando a complexidade que envolve a realização do julgamento referente aos dados encontrados mediante o histórico e a definição de metas para alcançar uma aprendizagem satisfatória, faz-se necessário que o docente possua conhecimentos inerentes ao complexo âmbito educacional a fim de estabelecer seus direcionamentos didático-pedagógicos (LIBÂNEO, 2009).

Sobre avaliação diagnóstica, Vasconcelos (2005, p. 43) afirma que:

A avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos.

Nesta concepção, o desafio que se constitui ao professor ante a uma classe heterogênea, decorre da necessidade de elaborar estratégias pedagógicas diferenciadas que busquem a superação dos obstáculos observados nos espaços educacionais. Assim, a próxima etapa da SAE, *Planejamento das estratégias de ensino*, consiste em estabelecer ações que direcionem o docente a efetivar as estratégias de aprendizagem traçadas mediante as dificuldades encontradas (CARPENITO-MOYET, 2009). Para isso, o docente deve levar em consideração que precisa articular as várias possibilidades metodológicas, visando a atender aos diferentes tipos de alunos ali presentes, mediante o diagnóstico ora levantado. O professor deve decidir sobre um conjunto de medidas que direcionarão e coordenarão a construção dos saberes necessários diante dos problemas encontrados, considerando a singularidade do discente.

A *Implementação das estratégias de ensino* apresentada como a quarta etapa da SAE, seria, pois, a operacionalização do planejamento traçado, ou seja, a efetivação das atividades planejadas pelo professor de forma intencional e consciente, devendo ser compreendida como um momento de atuação e documentação dos processos pedagógicos adotados, evidenciando a importância da mediação do docente na formação de seus alunos.

Por fim, a *Avaliação da aprendizagem*, realizada sob a análise do nível de desempenho do grupo de alunos, que tem por objetivo principal retomar as etapas anteriores. Esta dialoga com a autorregulação profissional a fim de oportunizar a valorização das conquistas obtidas individualmente por todos os sujeitos envolvidos, bem como as correções necessárias dos métodos utilizados.

Consiste no acompanhamento das medidas adotadas, observando as respostas dos alunos ante a proposta pedagógica, exercitando a autorregulação perante o planejamento traçado. Deve ser realizado diariamente e repensado a cada novo evento durante as aulas, de modo a identificar os resultados de sua atuação, o que possibilita detectar o que necessita ser modificado e o que deve ser mantido com o intuito de suprir as necessidades do discente (ALVIM, 2013).

A quinta etapa da SAE se constitui como o momento onde o professor deve, enquanto profissional, avaliar o progresso e estabelecer medidas corretivas em seu planejamento, caso seja necessário, bem como registrar o desenvolvimento de suas contribuições em local apropriado (ALVIM, 2013).

Nessa conjuntura, é preciso entender que o processo avaliativo é fundamental nas práticas educacionais devendo ser utilizado como instrumento norteador, sendo imprescindível para a organização pedagógica e o desenvolvimento cognitivo dos educandos, uma vez que permite ao docente refletir sobre suas práticas e adaptá-

las para o alcance dos objetivos educacionais propostos, bem como auxiliar o desenvolvimento da aprendizagem discente.

Salienta-se que a Sistematização da Avaliação do Ensino se propõe a ser um instrumento prático, aplicável por qualquer docente de modo a oportunizar um direcionamento diário de suas práticas, permitindo acompanhar de perto a evolução do aluno dentro do processo educacional proposto e arquitetado em prol do sucesso escolar esperado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autorregulação ainda se constitui um desafio à prática docente, pois se refere a um processo de avaliação das situações de aprendizagem, bem como dos métodos de ensinagem utilizados para direcionar a construção dos saberes.

Vale ressaltar que a avaliação aqui citada não se trata de um momento isolado, mas de um percurso que possibilita a construção de um ensino consciente, transformador, onde os sujeitos se reconhecem como agentes capazes de recriar o contexto em que participam. Afinal, como apontam Lordêlo, Rosa e Santana (2010, p. 13-33):

A avaliação processual é apontada atualmente como uma prática ideal de regulação da aprendizagem, pois permite que o aluno, através de retroalimentações sistemáticas, adquira consciência sobre seu percurso de aprendizagem: nível de compreensão de conteúdos específicos, habilidades desenvolvidas, dificuldades enfrentadas, desafios a serem superados, objetivos a serem alcançados. Este tipo de avaliação tem um caráter formativo.

A SAE, proposta neste estudo, contempla uma avaliação que direciona um ensino significativo ao aluno, que considera o cuidado, o respeito, a integralidade e a individualidade, contribuindo para um processo relacional exitoso, onde todos os participantes envolvidos compreendem a intencionalidade e a importância do processo em que se inserem.

Vislumbra uma proposta nobre de intervenção e cuidado diferenciado voltado aos alunos a partir de uma metodologia diferenciada, que possibilita auxiliar o acompanhamento das práticas pedagógicas, com vistas a um processo relacional de aprendizagem emancipatória que valoriza o trabalho docente e favorece o aprimoramento dos saberes adquiridos com a experiência educacional.

REFERÊNCIAS

ALVIM, André L. S. O processo de enfermagem e suas cinco etapas. *Enferm. Foco*, v. 4, n. 2, p. 140-141, 2013.

BARBOSA, Jane R. A. A Avaliação da aprendizagem como processo interativo: um desafio para o educador. *Democratizar*, v. 2, n. 1, 2008.

BRASIL. *Resolução Cofen-358* de 23 de outubro de 2009. Dispõe sobre a sistematização da assistência de enfermagem e a implementação do processo de enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de

Enfermagem, e dá outras providências. Conselho Federal de Enfermagem. Disponível em: <<http://isac.org.br/wp-content/uploads/2014/10/resolucao-cofen-n-.358-09-implementacao-do-sae.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

CASEMIRO, Juliana P.; FONSECA, Alexandre B. C.; SECCO, Fábio V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014.

CARPENITO-MOYET, L. J. *Diagnósticos de enfermagem – aplicação à prática clínica*. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHARLOT, Bernad. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. 93p.

DEMO, Pedro. *Ser professor é cuidar que o aluno aprenda*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ESTEBAN, Maria T. Avaliar: ato tecido pelas imprecisões do cotidiano. 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/0611t.PDF>>. Acesso em: 21 jul. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLANDA, Viviane R. et al. Análise da produção científica nacional sobre a utilização de tecnologias digitais na formação de enfermeiros. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 15, n. 4, p. 1.068-1.077, 2013.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos*. 23. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

LORDÊLO, J. A. C.; ROSA, D. L.; SANTANA, L. A. Avaliação processual da aprendizagem e regulação pedagógica no Brasil: implicações no cotidiano docente. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, Salvador: R. Faced, n. 17, p. 13-33, 2010. Disponível em: <<https://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/4555/3806>>. Acesso em: 4 fev. 2017.

MEDEIROS, Ana L.; SANTOS, S. R.; CABRAL, R. W. L. Sistematização da assistência de enfermagem: dificuldades evidenciadas pela teoria fundamentada nos dados. *Rev. Enferm., Uerj*, v. 21, n. 1, p. 47-53, 2013.

MORAN, José. *Mudando a educação com metodologias ativas*. Ponta Grossa: Foca Foto-Proex/UEPG, 2015. (Coleção mídias contemporâneas).

PERRENOUD, Philippe. *La construcción del éxito y del fracaso escolar*. Trad. Pablo Manzano. Madrid: Morata; La Coruña: Paidéia. 1990.

RAPHAEL, Hélia S.; CARRARA, Kester. *Avaliação sob exame*. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 1-21, 53-82.

SANTOS, Maria G. P. S. et al. Percepção de enfermeiros sobre o processo de enfermagem: uma integração de estudos qualitativos. *Revista Rene*, v. 13, n. 3, p. 712-723, 2012.

SANTOS, Silvio C. et al. Avaliação no mundo moderno: um intervir sobre a produção do conhecimento. *Revista Ibero Americana de Educação*, Rio Grande do Sul, p. 1-10, 2010.

SILVA, Luiz A. A. da. et al. Avaliação da educação permanente no processo de trabalho em saúde. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 765-781, 2016.

SILVA, Rudval S. et al. Elaboração de um instrumento para coleta de dados de paciente crítico: histórico de enfermagem. *Rev. Enferm. Uerj*, v. 20, n. 2, p. 267-273, 2012.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e formação profissional*. 17. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

TRINDADE, Liliane R. et al. Compreensão do processo de enfermagem por enfermeiros de um hospital geral do sul do Brasil. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 5(2):267-277, abr./jun. 2015.

VALE, Eucléia G.; PAGLIUCA, Lorita M. F. Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: contribuição para o ensino de graduação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 64, n. 1, p. 106-103, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança – por uma práxis transformadora*. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2005.

_____. *Avaliação – concepção dialética – libertadora do processo de avaliação escolar*. São Paulo: Cadernos pedagógicos do Libertad, 1993.